



Geografia do voto: influências das singularidades territoriais nas eleições presidenciais do Brasil ao Maranhão

Geography of voting: influences of territorial singularities in the presidential elections from Brazil to Maranhão

Yata Anderson Gonzaga Masullo¹ ; Rubens Pereira e Silva Junior²

¹Pós-graduação de Geografia, Natureza e Dinâmica do Espaço (PPGEO), Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil.

²Câmara Federal, Brasília, DF, Brasil.

E-mail: dep.rubenspereirajunior@camara.leg.br

*Email para correspondência: yanderson3@hotmail.com

Recebido (Received): 09/02/2023

Aceito (Accepted): 04/06/2024

Resumo: O presente artigo se propôs a analisar a dinâmica espaço-temporal das eleições presidenciais do Brasil, no período de 2018 e 2022, bem como compreender as tendências e padrões territoriais das eleições em nível nacional e como eles se reproduzem em escala regional e local no estado do Maranhão, bem como revelar tendências regionais e identificar divisões políticas e ideológicas. A proposta metodológica desenvolveu-se como um estudo ecológico sob uma abordagem sistêmica e multidisciplinar. Para tanto, utilizou-se ferramentas de Análise Exploratória de Dados Espaciais - AEDE e do Sistema de Informação Geográfico – SIG (análise fatorial e de cluster). No Maranhão, assim como nos demais estados do Nordeste brasileiro, verifica-se um forte reduto eleitoral petista, com destaque para a região norte e nordeste do estado. Contudo, observa-se o avanço do eleitorado ligado as pautas bolsonaristas na faixa centro-sul e sudoeste, com o apoio de setores conservadores conectadas a empresários, lideranças religiosas e do agronegócio. Por outro lado, considera-se que o avanço da polarização não deve ser medida exclusivamente por indicadores ligados a renda, classe e raça, mas se faz necessário examinar o contexto histórico e cultural regional e local. De modo geral, os resultados da pesquisa demonstram que a dinâmica eleitoral pode servir como um proxy para se compreender fatores e dinâmicas sociodemográficos, culturais e históricos em diferentes escalas.

Palavras-chave: Eleição presidencial; geografia do voto; dinâmica territorial.

Abstract: This article set out to analyze the spatio-temporal dynamics of the presidential elections in Brazil, between 2018 and 2022, as well as understand the trends and territorial patterns of elections at the national level and how they are reproduced on a regional and local scale in the state of Maranhão, as well as revealing regional trends and identifying political and ideological divisions. The methodological proposal was developed as an ecological study under a systemic and multidisciplinary approach. To this end, Exploratory Spatial Data Analysis tools - AEDE and the Geographic Information System - GIS (factor and cluster analysis) were used. In Maranhão, as well as in other states in the Brazilian Northeast, there is a strong PT electoral stronghold, with emphasis on the north and northeast regions of the state. However, there is an increase in the electorate linked to Bolsonaro agendas in the center-south and southwest, with the support of conservative sectors connected to businesspeople, religious and agribusiness leaders. On the other hand, it is considered that the advancement of polarization should not be measured exclusively by indicators linked to income, class and race, but it is necessary to examine the regional and local historical and cultural context. In general, the research results demonstrate that electoral dynamics can serve as a proxy to understand sociodemographic, cultural and historical factors and dynamics at different scales.

Keywords: Presidential election; geography of voting; territorial dynamics.

1. Introdução

Em teoria a democracia é um sistema de governo no qual o poder é exercido pelo “povo”, geralmente através de representantes eleitos, seja por meio de modelo representativo, direto ou deliberativo, neste sistema o sufrágio é parte essencial para assegurar a legitimidade e a representatividade do governo. Portanto, o direito ao voto e eleições periódicas são elementos importantes para a consolidação das bases

democráticas de um governo. Para Schumpeter (1961), o método democrático é o arranjo institucional em que os indivíduos adquirem o poder de decidir através de uma luta competitiva pelos votos do povo. Desse modo, podemos afirmar que um dos requisitos básicos da democracia está no sufrágio universal, consolidando o exercício da soberania popular. A Constituição federal de 1988 em seu art. 14 segue essa perspectiva, ao estabelecer que a soberania popular deve ser exercida por meio o sufrágio universal e pelo voto direto e secreto, com valor igual para todos, e, nos termos da lei, mediante: I - plebiscito; II - referendo; III - iniciativa popular.

Sob esses termos, cabe destacar que o regime atual aplicado no período republicano do Brasil passou por uma série de transformações durante a sua história. Entre os marcos históricos desse período destaca-se a Constituição de 1891; era Vargas (1930 – 1945); Constituição de 1946; Ditadura Militar (1964 – 1985) e a Constituição de 1988 quando o Brasil conquistou o retornou dos direitos individuais, as liberdades democráticas e as eleições diretas.

Atualmente, o sistema eleitoral brasileiro é um processo social de consulta a sociedade, buscando eleger periodicamente representantes para ocuparem cargos políticos. Caracterizado pela combinação de elementos proporcionais e majoritários, o modelo eleitoral brasileiro é complexo e pode variar em detalhes dependendo do nível da eleição (federal, estadual ou municipal). Esse processo se materializa na disputa por porções do espaço que são influenciados pela organização dos diferentes territórios, mas também, influenciam a delimitação de múltiplos arranjos locais. Essa multiterritorialidade se estrutura a partir da possibilidade de acessar ou conectar diversos territórios (HAESBAERT, 2006), a partir das relações e conexões que coexistem no espaço (SAQUET, 2007). Desse modo, compreende-se que os territórios eleitorais representam as des-continuidades, escalaridades e processos históricos da dinâmica territorial, bem como diferentes dimensões (economia, política e cultura).

No bojo destas reflexões, subentende-se que tanto os sistemas eleitorais como os resultados das eleições podem ser analisados através do que Castro (2005) aponta como razões espaciais, ou seja, as características ou singularidade de cada território. Uma das possíveis formas de estudo do voto considera o território como unidade de análise, buscando compreender se há associação entre o percentual de votos de um candidato e os atributos de determinados territórios (regiões, estados e municípios) (SANTOS, 2015). Destacam-se nesse contexto estudos (EBEID; RODDEN 2006; ZOLNERKEVIC, 2013; CHARNEY; MALKINSON, 2015; BORGES, 2016; ALMEIDA, 2021) sobre áreas de concentração de votos, aspectos socioeconômicos e, igualmente, análises acerca do perfil do eleitorado ou mesmo das bases eleitorais dos candidatos relacionadas com os sistemas e as legislações eleitorais.

Os estudos supracitados, se debruçam a refletir sobre os padrões de votação em uma determinada região geográfica. Para tanto, incluíse a distribuição de votos por área geográfica, em nível municipal, bairro, distritos eleitorais, estados, entre outros, além de buscar examinar como diferentes fatores geográficos, como densidade populacional, características socioeconômicas, urbanização, localização geográfica, influenciam os resultados das eleições.

Considerando o exposto, o presente artigo objetivou analisar a dinâmica espaço-temporal das eleições presidenciais do Brasil, no período de 2018 e 2022, bem como compreender as tendências e padrões territoriais das eleições em nível nacional e como eles se reproduzem em escala regional e local no estado do Maranhão, além de revelar tendências regionais e identificar divisões políticas e ideológicas. Optamos, portanto, por usar ferramentas de Análise Exploratória de Dados Espaciais - AEDE como um meio de análise dos resultados e testar as seguintes hipóteses:

- 1) A conexão eleitoral existente entre o Partido dos Trabalhadores e os eleitores do Nordeste e Norte, origina-se do conjunto articulado de políticas públicas desenvolvidas;
- 2) Características históricas e territoriais influenciam na delimitação dos redutos eleitorais em nível regional e local;
- 3) O padrão territorial dos votos no Maranhão, representa mesmo que indiretamente as características e singularidades dos múltiplos arranjos territoriais do estado.

Inicialmente, o presente estudo descreve os procedimentos metodológicos utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e, em seguida, apresenta-se um panorama da dinâmica das eleições presidenciais brasileiras (2018 – 2022), bem como analisa o padrão territorial dos votos no Maranhão neste período. Insta afirmar que os resultados obtidos, apresentam mesmo que indiretamente, informações sobre as características e singularidades dos múltiplos arranjos territórios do Brasil e Maranhão.

2. Materiais e métodos

A proposta metodológica do estudo desenvolve-se como um estudo ecológico sob uma abordagem sistêmica e multidisciplinar. Para tanto, utilizou-se ferramentas de Análise Exploratória de Dados Espaciais - AEDE e do Sistema de Informação Geográfico – SIG (análise fatorial e de cluster) (ANSELIN, 1995; ALMEIDA, 2012). A seguir, apresenta-se os procedimentos metodológicos aplicados para obtenção de resultados mensuráveis relativos ao estudo, a partir das etapas de seleção, coleta, processamento, validação, modelagem e análise dos dados, estruturados aqui em 2 etapas:

2.1. Coleta e Tratamento de Dados

A base da pesquisa consolida-se por meio de coleta de dados obtidos pela plataforma do Tribunal Superior Eleitoral – TSE (<https://dadosabertos.tse.jus.br/dataset>) e revisão bibliográfica acerca de publicações existentes sobre o tema (livros, artigos, teses e trabalhos técnicos). A busca ocorreu por meio do portal de periódicos da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), SCIELO e Google Acadêmico, a partir das palavras chaves: Geografia do Voto – Dinâmica Eleitoral – Eleições Presidenciais.

A seleção, coleta e tratamento dos dados delimita-se no resultado das eleições presidenciais em escala nacional e Maranhão, referente aos pleitos eleitorais de 2018 e 2022. Os dados foram sistematizados em planilha Excel, seguindo a base cartográfica fornecida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2021). Em seguida, o banco de dados foi agrupado e transformado em formato SHAPEFILE, para posterior geocodificação em escala nacional, estadual e município.

Para estruturação das análises estatísticas e confecção dos mapas temáticos, foram utilizados os softwares ArcGIS 10.8. Isso possibilitou a construção de análises espaciais e estatísticas, como resultado, estruturou-se o geodatabase com base no conjunto de dados vetorial.

2.2. Análise espacial

A sintetização e tratamento dos dados permitiu a aplicação da metodologia em diferentes escalas (nacional, estadual e municipal), bem como serviu de base de referência, comparação e nível de associação espacial para se estabelecer uma abordagem conceitual, que considera a conexão entre os diversos níveis e parâmetros técnicos utilizados para a análise espacial. Como suporte, utilizou-se o método de AEDE. Este modelo representa a primeira etapa na investigação de um fenômeno de interesse, congregando técnicas ligadas a descrição e visualização de distribuições espaciais, identificação de localidades atípicas (outliers espaciais), descobertas de padrões de associação espacial (clusters espaciais) e diferentes regimes espaciais (CÂMARA et al., 2004; ALMEIDA, 2012).

No primeiro momento, avaliou-se o nível de concentração e dinâmica eleitoral em escala nacional. A partir das bases de dados fornecidas pelo TSE, os votos registrados no segundo turno das eleições de 2018 e 2022 foram especializados em nível estadual e municipal. Dessa forma, foi possível estabelecer a complementaridade dos eventos e a análise globalizada da dimensão espaço-temporal das eleições presidenciais e suas diferentes dinâmicas regionais.

Em relação aos dados eleitorais por município do Maranhão, aplicou-se o Índice Global de Moran e o Indicador Local de Associação Espacial – LISA, proposto por Anselin (1995). Seguindo as diretrizes de Ames (2003) e Terron et al. (2012), o presente estudo utilizou o Índice Global de Moran como medida de autocorrelação espacial no cálculo da dimensão horizontal da distribuição dos votos, enquanto que o LISA foi aplicado para a dimensão vertical visando compreender o grau de conexão entre o percentual de votos e a dinâmica territorial das diferentes regiões do Maranhão.

Considerando a significativa votação obtidas pelos candidatos petistas no Maranhão, realizou-se testes com métodos estatísticos Moran (I) e LISA, a fim de verificar a existência de autocorrelação espacial nos resultados candidatos Fernando Haddad (2018) e Luís Inácio Lula da Silva (2022). Com base em Ames (2003), o estudo mediu a autocorrelação espacial pelo método de Moran (I), utilizando uma matriz não-ponderada de contiguidades de primeira ordem com o vizinho mais próximo.

O Índice de Moran Global (I) é uma medida global da autocorrelação espacial, indicando o grau de associação espacial presente no conjunto de dados (ANSELIN, 1995). O Moran (I) é aplicado, usualmente, em unidades de área às quais estejam associados atributos do tipo racional ou de intervalo (LONGLEY et al., 2005) e expressa a autocorrelação, considerando apenas o primeiro vizinho, ou seja, emprega a matriz de

vizinhança de primeira ordem, independentemente do critério de composição da matriz. Desse modo, o Moran (I) indica a existência de um padrão na distribuição espacial dos dados que varia de +1 a -1, sendo que, quanto mais próximo do seu limite superior, mais forte será a concentração espacial, enquanto os dados estarão mais dispersos quando seu valor estiver mais próximo de -1 (ANSELIN, 2000).

Relativo ao LISA, segundo Anselin (2000) está técnica visa: a) identificar padrões de associação espacial significativos; b) decompor o índice global de associação espacial. O LISA testa o nível de autocorrelação espacial dos dados e identifica agrupamentos espaciais com valores de atributos semelhantes (clusters), objetos anômalos, ou seja, situações atípicas (outliers). A ferramenta cria como resultado um mapa que mostra quaisquer clusters e valores atípicos com relevância estatística presentes nos dados.

O LISA pode ser representado pelo cálculo:

$$I_i = \frac{z_i \sum_{j=1}^n w_{ij} z_j}{\sum_{j=1}^n w_j^2} \quad \text{Eq. 1}$$

Fonte: Anselin (1995).

Infere-se a aplicação dessa técnica, a quantificação da influência de cada município com os seus respectivos vizinhos, identificando autocorrelação espacial com base nas características geográficas e o grau de associação espacial entre o conjunto de dados (ROGERSON, 2012).

A autocorrelação, baseada na localização e nos valores de cada área (LENTZ, 2009) mensurada pelo LISA, permitiu avaliar se o padrão de distribuição é:

1. HH: alto-alto (agrupamento de valores altos e próximos);
2. LL: baixo-baixo (agrupamento de valores baixos e próximos);
3. HL: alta-baixa (outlier de valores altos que não se agrupam, pois se encontram em meio a valores baixos);
4. LH: baixo-alto (outlier de valores baixos que não se agrupam, pois se encontram em meio a valores altos);
5. Não significativos: não se enquadram nos agrupamentos, pois apresentam níveis variados assim como os valores dos vizinhos.

Em linhas gerais, as etapas metodológicas previstas nos ensaios realizados para subsidiar a análise espacial são as seguintes:

- A) Mapeamento dos resultados das eleições presidenciais nos municípios do Maranhão, nos pleitos de 2018 e 2022;
- B) Cálculo do Moran (I) para os candidatos petistas no estado do Maranhão, em 2018 e 2022;
- C) Cálculo do LISA e dos resultados das eleições presidenciais nos municípios, em cada ano;
- D) Geração de mapa de clusters, baseado nos resultados das eleições presidenciais nos municípios do Maranhão, nos pleitos de 2018 e 2022.

Os procedimentos técnicos aplicados, refletem a relação entre os elementos e os fenômenos culturais, socioeconômicos, políticos e territoriais, considerando a existência de dependência entre as variáveis utilizadas e a formação de múltiplos territórios em escala regional.

3. Dinâmica territorial das eleições presidenciais do Brasil (2018 – 2022)

A presente pesquisa parte do princípio que compreender a dinâmica espacial dos padrões de votação em diferentes escalas, nos fornece uma ferramenta interpretativa e um meio complementar para analisar processos sociais e demográficos (CHARNEY; MALKINSON, 2015). Os dados eleitorais têm mérito potencial em estudos urbanos (GIMPEL, 2008; CASTELAR, 2011; BORGES, 2016), investigando até que ponto as preferências políticas apoiam nosso conhecimento dos múltiplos territórios que se reproduzem, seja por meio da influência de fatores regionais ou pela implementação de políticas que refletirão nos padrões de representação (ZOLNERKEVIC, 2013).

Considerando a hipótese de que o ato de votar é influenciado por vários fatores socioeconômicos e culturais, de diversas maneiras em diferentes lugares e contextos (O'LOUGHLIN et al., 2002), neste tópico, analisa-se a dinâmica espacial dos resultados das eleições presidenciais brasileiras, no período de 2018 e 2022 (**Figura 1**).

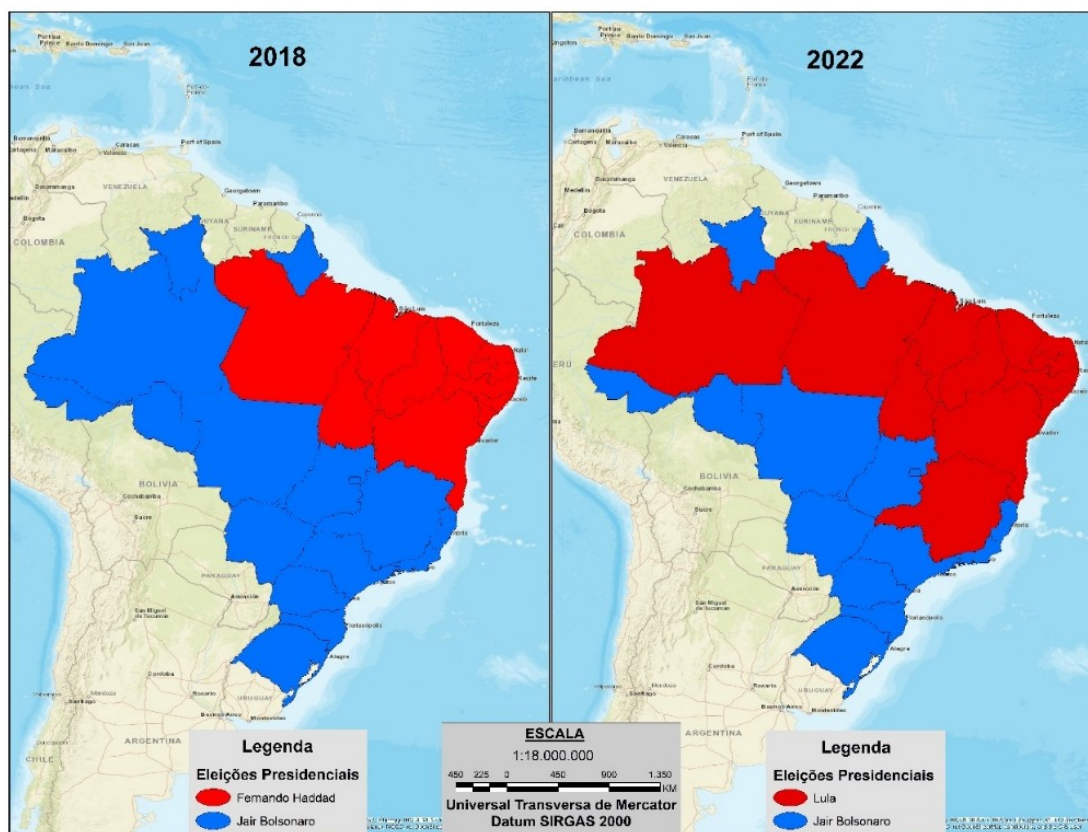


Figura 1: Mapa do resultado das eleições presidenciais no Brasil (2018-2022). Fonte: Base de dados TSE, 2022.

O mapa acima, ilustra padrões de continuidade e alterações que tipificam a variação espacial e temporal das eleições presidenciais. Primeiramente, pode-se destacar a polarização entre Jair Bolsonaro (candidato a presidente pelo Partido Social Liberal – em 2018, posteriormente em 2022 se tornou candidato pelo Partido Liberal – PL) e os candidatos do Partido dos Trabalhadores – PT, Fernando Haddad (2018) e Luís Inácio Lula da Silva (2022). Por outro lado, verifica-se assim como Charney; Malkinson (2015) a ocorrências de significativa alternância entre o eleitorado dos estados, enquanto em determinadas regiões as modificações são menores e a estabilidade é amplamente preservada. Contudo, é importante notar que as eleições são eventos complexos e multifacetados, influenciados por uma variedade de fatores políticos, econômicos, sociais e culturais.

Nas eleições presidenciais de 2018, de acordo com a base de dados do TSE o candidato Jair Bolsonaro obteve 57.797.847 votos (55,13%), enquanto Fernando Haddad registrou 47.040.906 (44,87%). Observa-se claramente os componentes regionais influenciando a distribuição dos votos, considerando que Haddad conseguiu vencer em 2.810 municípios superando o seu oponente em 11 estados, contudo, Bolsonaro obteve êxito em 2.760 municípios, 15 estados e no Distrito Federal. Destaca-se que mesmo Haddad obtendo vitória em uma quantidade maior de municípios, a diferença no resultado da eleição, ocorreu principalmente pela superioridade de Bolsonaro em um número superior de Estados na região Sul e Sudeste (**Tabela 1**).

Tabela 1: Resultado do segundo turno as eleições presidenciais brasileiras por região em 2018.

REGIÃO	BOLSONARO	HADDAD
Norte	51,9%	48,1%
Nordeste	30,3%	69,7%
Sul	68,3%	31,7%
Sudeste	65,4%	34,6%
Centro-Oeste	66,5%	33,5%

Fonte: Base de dados TSE, 2018.

O Nordeste foi única região que Haddad superou Bolsonaro, alcançando 69,7% (20,3 milhões dos votos válidos). Esse resultado representou 43% do total de votos recebido pelo candidato do PT, com uma margem

superior ao seu eleitorado nas regiões Sul e Sudeste juntas, 38%. No outro espectro, a grande maioria dos votos de Jair Bolsonaro concentraram-se nas regiões Sul e Sudeste (68%).

Referente ao pleito de 2022, Bolsonaro (PL) registrou aproximadamente 400 mil votos a mais que em 2018, alcançando 58.206.322 votos (49,1%), do outro lado, Lula (PT) recebeu 60.345.825 (50,9%). Lula demonstrou superioridade em 3.123 municípios, sobrepujando o seu oponente em 13 estados, enquanto Bolsonaro obteve êxito em 2.447 municípios, 13 estados e Distrito Federal. Verifica-se que em relação a 2018, Lula ampliou a quantidade de municípios onde o PT registrou vitórias, igualando em números de Estados, destaca-se Minas Gerais (desde 1950 o resultado da eleição presidencial em MG tem sido um indicativo de quem será o chefe do executivo federal). Contudo, Jair Bolsonaro consolidou seu reduto eleitoral nas regiões Centro Oeste, Sul e Sudeste, com evidência para os estados de Mato Grosso, São Paulo e Rio de Janeiro (**Tabela 2**).

Tabela 2: Resultado do segundo turno as eleições presidenciais brasileiras por região em 2022.

REGIÃO	BOLSONARO	LULA
Norte	51,9%	48,1%
Nordeste	30,3%	69,7%
Sul	68,3%	31,7%
Sudeste	65,4%	34,6%
Centro-Oeste	66,5%	33,5%

Fonte: Base de dados TSE, 2022.

O presidente eleito Lula (PT) saiu vitorioso nas regiões do Nordeste (69,7%) e Norte (51,9%), já o então presidente Jair Bolsonaro (PL) terminou a corrida eleitoral em primeiro lugar no Sudeste (65,4%), Centro Oeste (66,5%) e Sul (68,3%), onde obteve seu maior percentual de votos.

Em comparação ao resultado obtido por Haddad em 2018, Lula recebeu cerca de 13 milhões de votos a mais em 2022. Importante frisar, que 58,5% (7,8 milhões) dos votos a mais obtidos pelo então candidato petista foram registrados na região Sudeste. Em termos absolutos, Lula obteve sua melhor votação no Sudeste, com 22,7 milhões de votos superando o Nordeste, onde registrou 22,5 milhões de votos. Referente ao resultado obtido por Bolsonaro em 2022, este registrou perda de 11 pontos percentuais – p.p no Sudeste, comparativamente a 2018. Destaca-se que as regiões Sudeste e Sul, foram as únicas em que Bolsonaro apresentou redução de votos em relação ao pleito anterior. Ao mesmo tempo, no Nordeste o candidato do PL avançou 0,4 p.p (1 milhão de votos) nas eleições de 2022.

A dinâmica eleitoral brasileira evidenciada em 2018 e 2022, nos apresentou um país politicamente polarizado, ao mesmo tempo, que se consolidou a dicotomia entre “centro” (Sudeste/Sul) e “periferia” (Nordeste/Norte). Esse processo é um reflexo das desigualdades estruturais no Brasil. Essa divisão tem raízes históricas, políticas e econômicas profundas e se manifesta em várias áreas, como educação, saúde, infraestrutura, desenvolvimento econômico e condições de vida, o que exige uma abordagem multidimensional. Destarte o elitismo histórico-cultural abordado por Calejon (2023), apresenta suas raízes.

Diferentemente da visão estereotipada e reducionista de muitos “analistas políticos”, seguimos com a visão de Almeida (2021), ao entender os resultados dos pleitos eleitorais em análise não como a representação do velho voto do cabresto, mas como uma nova dimensão eleitoral que se materializa na territorialização do voto. Corroborando com Hersh e Nall (2015) não entendemos o fator econômico como único elemento para a definição da geografia do voto observada. Ou seja, os resultados registrados nas duas últimas eleições brasileiras, mostraram que a dicotomia supracitada entre Sudeste/Sul e o Nordeste/Norte não se justifica somente por indicadores como analfabetismo e pobreza, como alardeado por muitos bolsonaristas. Para além de se considerar que o letramento não está intrinsecamente ligado a alfabetização política, é preciso destacar a importância de questões históricas e as características culturais desses territórios.

Portanto, se equivoca quem considera o eleitor nordestino ignorante ou mesmo progressista por votar nos candidatos do PT, tais afirmações buscam apenas por simplificar ou generalizar questões complexas, uma prática comum que leva a uma compreensão superficial da situação. Para Hervé (2018), a polarização nas eleições brasileiras origina-se de um lado pelas políticas e programas sociais (educação, saúde e outros) desenvolvidas nos governos petistas de 2002 a 2014, com destaque para os estados do Nordeste e Norte do país. Do outro lado, o autor ressalta o avanço da rejeição ao PT capitaneados pelo pseudodiscurso contra corrupção, além do apoio recebido por Bolsonaro de setores conservadores como os “3 Bs” (Bíblia, Boi e

Bala), formada por igrejas evangélicas, empresários do agronegócio e à frente composta por parlamentares e instituições que defendem o armamento civil, além da flexibilização de leis relacionadas as armas.

Esse contexto nos apresenta um tensionamento regional, com o Nordeste buscando o resgate do protagonismo originado por um conjunto articulado de políticas públicas como o Bolsa Família, interiorização das universidades e grandes projetos de infraestrutura. Essas ações desenvolvidas pelo PT, no período de 2002 a 2010, marcaram um período de redução das desigualdades e crescimento econômico acima da média nacional. Essa reorganização de padrões, contraria a crença hegemônica estabelecida no Sul e Sudeste como centro produtivo e concentrador do progresso nacional.

O fato é que os programas e políticas coordenadas pelos governos de Lula no Nordeste, nos seus primeiro e segundo mandato, resultaram em desenvolvimento econômico e social, bem como nos avanços dos principais índices de educação, saúde, emprego e renda em escala regional e municipal. Essa memória reduz bastante o espaço para que outros candidatos com perfis interligados ao Bolsonarismo, que incluem conservadores de extrema direita ou mesmo “mais moderados”, possam conquistar mais votos na região nordestina. O reconhecimento dos avanços obtidos no Nordeste durante os governos petistas, fez com que o PT ganhasse força na região mesmo sendo um partido associado à classe média trabalhadora de onde surge, originalmente nascido no Sudeste. No fim, em eleições presidenciais os eleitores respondem a candidatos em que podem confiar e de quem obtêm um sentimento de empoderamento. Em resumo, a confiança, o sentimento de empoderamento e outras qualidades pessoais e políticas desempenham um papel importante nas eleições presidenciais, os eleitores muitas vezes buscam candidatos que incorporam essas características.

A estratégia de aumentar os auxílios em momentos críticos é uma prática observada em diversos contextos políticos, onde o objetivo é, muitas vezes, ganhar apoio e votos. No entanto, a eficácia e a sustentabilidade dessas políticas dependem de um planejamento financeiro sólido e de uma abordagem integrada para combater a pobreza de maneira duradoura.

Historicamente, a população nordestina sentiu-se abandonada por governos anteriores, que não priorizavam investimentos na região. Os governos do PT são vistos como uma mudança nesse padrão, trazendo atenção e recursos que antes eram escassos. A combinação de programas sociais impactantes, políticas de desenvolvimento regional, identificação cultural, estrutura de mobilização e uma percepção de maior inclusão e atenção contribuiu para o apoio contínuo ao PT no Nordeste. Esse apoio reflete o resultado de políticas que trouxeram benefícios tangíveis para a região, bem como conexão emocional e simbólica.

O não entendimento dessas questões, fazem com que se reproduza uma visão estereotipada do Nordeste, originando políticas de transferência de renda através de auxílios pontuais com o foco no momento eleitoral. Os resultados registrados das eleições de 2022 das cidades mais dependentes do Auxílio Brasil, servem como exemplo. Esses municípios forneceram 71% dos votos válidos a Lula e somente 29% a Bolsonaro. Isso representou um avanço de apenas 2 p.p. em relação a votação obtida por Bolsonaro em 2018, mesmo com o aumento do número de famílias beneficiadas e o valor dos pagamentos nas vésperas das eleições.

Como se verifica o uso intenso da máquina pública por Bolsonaro, não se reverteu em aumento significativo de votação fora da bolha bolsonarista. Esse resultado, demonstra a consolidação da tendência iniciada em 2002, com o avanço do PT no Nordeste e redução de sua força eleitoral no Sudeste. Esse panorama corrobora com Ebeid; Rodden (2006) ao demonstrar que a política não é um fenômeno universal, mas possui dinâmica própria.

Premente afirmar que em nível nacional, visualiza-se diferenças que marcaram o contexto e por conseguinte as eleições brasileiras de 2018 e 2022:

- a) Mudanças nos candidatos e nas coalizões políticas influenciaram os padrões de votação;
- b) O desempenho econômico e social influenciou as preferências dos eleitores e seus padrões de votação. Em 2018, o Brasil emergia de uma crise política que originou um processo de recessão econômica, com altos índices de desemprego e instabilidade econômica. Em 2022, o país enfrentava desafios econômicos diferentes, mas ainda com questões como inflação e desigualdade social crescente;
- c) A polarização política aumentou significativamente no Brasil entre 2018 e 2022. Em 2018, a eleição foi marcada por divisões profundas entre apoiadores de Bolsonaro, Petistas e a busca por uma terceira via, enquanto em 2022, essas camadas parecem ter se aprofundado, em um movimento personalista, com a polarização crescente em torno de questões políticas e ideológicas, centralizadas entre Bolsonaro/Lula;

d) Entre os temas que mais se destacaram nas eleições de 2018, estão questões como combate à corrupção, segurança pública e polarização ideológica. Em 2022, temas como a gestão da pandemia de COVID-19, recuperação econômica pós-pandemia e debates sobre democracia e autoritarismo desempenharam um papel preponderante nos padrões de votação.

Considerando as singularidades e intensa variação em nível regional e estadual, apresenta-se a seguir como tendências e padrões territoriais das eleições em nível nacional e regional se reproduzem no estado do Maranhão. No entanto, é preciso compreender que a análise espacial a ser aplicada não se sustentará, apenas em teorias e métodos quantitativos, baseados na identificação dos padrões de elementos dispostos em mapas definidos por coordenadas geográficas, como se refere Hagertrand (1966). Nesta pesquisa, busca-se integrar princípios como arranjo espacial, processos de espaço-tempo e modelagem espacial conforme Ferreira (2014).

4. Análise espacial das eleições presidenciais no Maranhão (2018 – 2022)

Os resultados das eleições presidenciais apresentaram padrões territoriais próprios que são importantes para explicar a diversidade regional em diferentes escalas. Como exemplo das singularidades, pode-se citar estudos como o desenvolvido por Ebeid; Rodden (2006) sobre indicadores macroeconômicos e sua influência nas eleições realizadas entre 1950 e 1998 no Estados Unidos. O autor verificou sinais de votação por questões econômicas em estados menos dependentes da agricultura e dos recursos naturais. Castellar (2011) corrobora com a questão ao afirmar que regiões no Brasil com características socioeconomicamente mais desenvolvidas possuem um voto mais ideológico, e em regiões antagônicas caracteriza-se o clientelismo e patrimonialismo.

Os estudos supracitados apresentam generalizações das análises em decorrência da sua aplicação em escala nacional. No entanto, infere-se a essas pesquisas a sugestão de que a votação em nível estadual só se torna comum, quando reduzimos desigualdades sociais e à medida que os estados desenvolvem economias modernas e diversificadas. Desse modo, ao analisar os padrões territoriais de votação das eleições presidenciais no Maranhão (**Figura 2**), reconhecemos assim como Borges (2016) a necessidade de ultrapassar a dicotomia do voto urbano-rural e centro-periferia, objetivando compreender a complexa estrutura social, política e econômica na qual os candidatos.

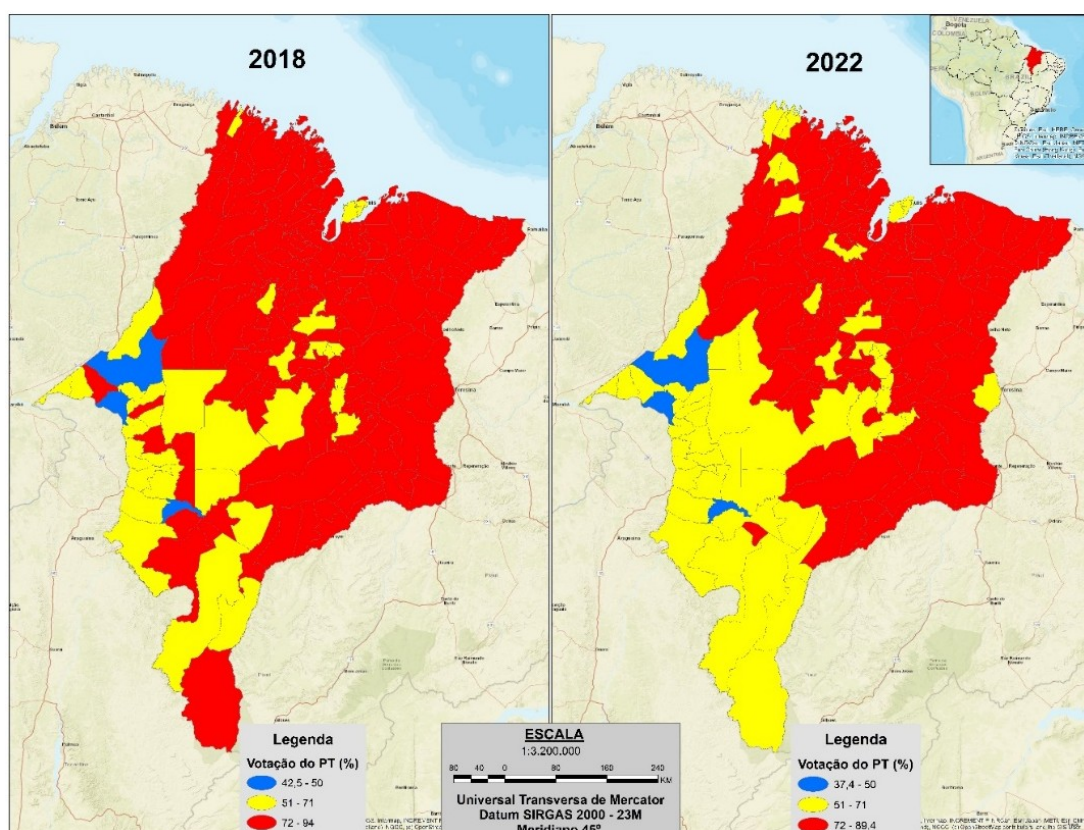


Figura 2: Mapa do resultado das eleições presidenciais no Maranhão (2018-2022). Fonte: Base de dados TSE, 2022.

Conforme os dados divulgados pelo TSE, o resultado das eleições presidenciais no Maranhão em 2018 apresentou o candidato Fernando Haddad com 2.428.913 de votos (73,26%), enquanto Jair Bolsonaro registrou 886.565 (26,74%). Relativo ao pleito de 2022, Lula recebeu 2.668.425 (71,14%), do outro lado Bolsonaro contabilizou 1.082.744 votos (28,86%). Comparativamente, observa-se aumento de 239.512 votos dos candidatos petistas e ampliação de 196.179 votos para Jair Bolsonaro entre os pleitos de 2018 e 2022. Em paralelo, verifica-se que enquanto o então presidente apresentou variação positiva de 2,12 p.p, os petistas registraram mesmo percentual de retração do eleitorado maranhense.

Observa-se, claramente as características regionais influenciando a distribuição dos votos, com a faixa norte e nordeste do Maranhão votando maciçamente nos candidatos do PT, já o sul e sudoeste apresentou uma maior presença de votos pró Bolsonaro. Nas eleições de 2018, Haddad superou o seu oponente em 214 dos 217 dos municípios maranhenses, ou seja, obteve vitória em 98% dos municípios do estado. Importante registrar que o candidato do PT alcançou percentual acima da média estadual em 82% dos municípios, e perdeu somente em Açailândia, Imperatriz e São Pedro dos Crentes (**Tabela 3**).

Tabela 3: Percentual de votação do PT nos municípios do Maranhão no segundo turno das eleições presidenciais em 2018 e 2022.

2018		2022	
Percentual (%)	Quantidade de municípios	Percentual (%)	Quantidade de municípios
Acima da média de 71%	178	Acima da média de 71%	156
51% a 71%	36	51% a 71%	58
Abaixo de 50%	03	Abaixo de 50%	03

Fonte: Base de dados TSE, 2022.

Semelhante a 2018, as eleições de 2022 apresentaram grande superioridade petista nos municípios do Maranhão. Contudo, Bolsonaro registrou avanços e significativa votação na capital maranhense e na região sul e sudoeste do estado. Lula alcançou percentual acima da média estadual em 72% dos municípios, com derrota nas mesmas cidades em 2018 que o então candidato Haddad obteve (Açailândia, Imperatriz e São Pedro dos Crentes).

De acordo com Borges (2016), para além de fatores socioeconômicos, faz-se necessário considerar que a conexão geográfica delimitada pela dinâmica eleitoral observada no Maranhão em 2018 e 2022, esteve intrinsecamente relacionada às características históricas e territoriais do estado. Notadamente, assim como os demais estados do Nordeste brasileiro, o Maranhão apresenta-se como um forte reduto eleitoral petista, com destaque para a região norte e nordeste do estado, no entanto, identifica-se a consolidação de eleitores bolsonaristas na faixa centro-sul e sudoeste, com o apoio de setores conservadores ligados empresários e lideranças religiosas e do agronegócio.

Destarte, a diferença de padrão de votação entre o norte e o sul do Maranhão apresentasse como resultado de uma complexa interação entre fatores socioeconômicos, culturais, políticos e ideológicos. O Norte, mais beneficiado por programas e políticas públicas, bem como mais identificado histórica e culturalmente com Lula, enquanto o Sul, com uma economia mais voltada para o agronegócio e influenciado por valores conservadores, mostra maior apoio a Bolsonaro. Importante destacar que o sul do Maranhão é uma região com forte presença do agronegócio, que tradicionalmente tende a apoiar candidatos mais alinhados com políticas econômicas pseudoliberais e conservadoras. Empresários e trabalhadores do setor rural, verificam nas políticas de bolsonaristas uma melhor defesa de seus interesses econômicos e ideológicos.

A dinâmica eleitoral evidenciada segue uma tendência de divisão regional formada pelo próprio processo histórico de ocupação do Maranhão, representada pelas frentes de expansão caracterizadas por Martins (1975) e Monbeig (1966), e divididas em três períodos distintos por Trovão (2008). A primeira, chamada de frente Litorânea ocorreu no início do século XVII, abrangendo a faixa norte do estado, posteriormente, no século XVIII surge a frente de expansão da pecuária avançando na faixa central e nordeste do Maranhão. Por fim, no século XX o terceiro movimento de expansão reconhecido como “frente de expansão agrícola”, foi caracterizado pela ampliação de incentivos fiscais, capitaneados pela SUDENE – Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste a partir de 1970, e conseqüente instalação de migrantes sulistas na região

centro-sul e oeste do estado, começando com a agricultura moderna do arroz e depois da soja e eucalipto, compondo a região atualmente conhecida como MATOPIBA (FEITOSA e TROVÃO, 2006).

O panorama observado, fortalece a hipótese de que o padrão territorial dos votos no Maranhão, representam mesmo que indiretamente as características e singularidades dos múltiplos arranjos territoriais do estado. Objetivando analisar o nível de autocorrelação espacial com base nas características geográficas e o grau de associação espacial entre o conjunto de dados, utilizou-se as ferramentas estatísticas Moran (I) e LISA.

Como medida de autocorrelação espacial no cálculo da dimensão horizontal da distribuição dos votos, identifica-se o coeficiente de Moran (I) de Haddad e Lula, registraram 0,263 e 0,280 respectivamente. O teste de Moran (I) positivo obtido, sugere que existe uma similaridade entre os municípios. Em outras palavras, a autocorrelação espacial positiva revela que, de modo geral, os valores de votação altos tendem a estar próximos de municípios com valores altos, assim como os valores baixos tendem a estar na vizinhança de valores também baixos. No entanto, o Moran (I) apresenta uma medida única para toda a área analisada, dado o número relativamente elevado de municípios envolvidos. O cálculo de um único índice global não é suficiente para identificar aglomerados de municípios com valores significativamente altos ou baixos da variável. Para esse fim, utiliza-se o LISA por decompor o índice global por município, possibilitando a visualização na forma de mapas.

A partir do resultado das eleições presidenciais no Maranhão (2018-2022), detecta-se a formação dos clusters espaciais HH: alto-alto (agrupamento de valores altos e próximos); LL: baixo-baixo (agrupamento de valores baixos e próximos); LH: baixo-alto (outlier de valores baixos que não se agrupam, pois se encontram em meio a valores altos) (Figura 3). Isso, pode ser observado na formação de um conjunto consolidado de municípios em diferentes regiões do estado.

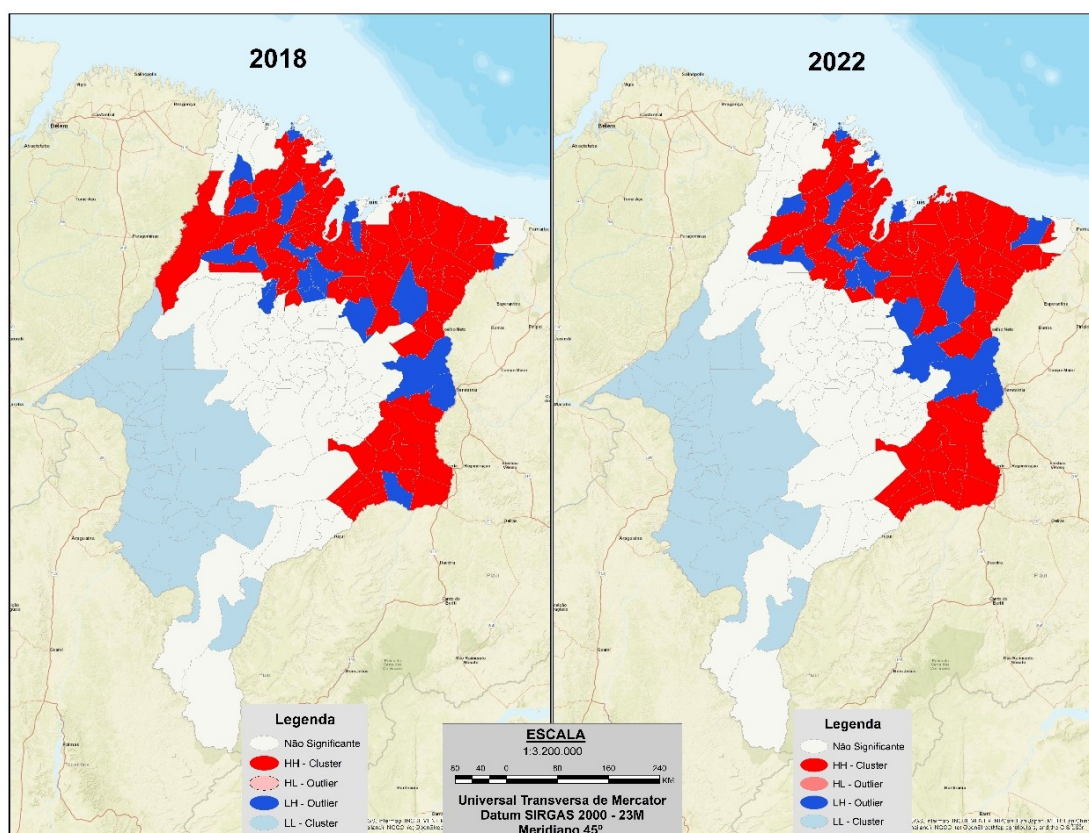


Figura 3: Mapa de clusters do resultado das eleições presidenciais no Maranhão (2018-2022).

Em 2018, visualiza-se o cluster HH (alto-alto) formado por um conjunto de 82 municípios próximos na região norte e nordeste do Maranhão, com elevados percentuais de votação para Haddad. Ao mesmo tempo, identificam-se outliers LH (baixo-alto) composto por 21 municípios com votação abaixo da média estadual próximos a áreas com alto registrado de votos ao candidato petista. Na região sudoeste do estado identifica-se a formação do cluster LL (baixo-baixo) com 32 municípios, onde se registra o menor percentual de votos para Haddad.

Nas eleições de 2022, verifica-se dinâmica eleitoral semelhante ao pleito de 2018, com a formação do cluster HH (alto-alto) composto por um conjunto de 80 municípios na região norte e nordeste do estado, com percentuais superiores à média estadual de votos registrado ao candidato Lula. Em paralelo, identificam-se outliers LH (baixo-alto) com 16 municípios com votação abaixo da média próximos a áreas com elevada votação do candidato petista. Por fim, na região centro-sul e sudoeste identifica-se a formação do cluster LL (baixo-baixo) com 33 municípios, onde se registra os maiores percentuais de votos para Bolsonaro.

As ferramentas estatísticas aplicadas, demonstram significativa autocorrelação espacial do fenômeno observado. Conforme Agnew (1996) podemos considerar válido a hipótese desse parâmetro ser influenciado por efeitos contextuais e singularidades locais. Desse modo, a formação dos clusters espaciais evidenciados, representam uma dinâmica eleitoral com um padrão consolidado, sugerindo uma associação positiva entre o padrão de votação e as características regionais dos diferentes territórios do Maranhão e suas características próprias, bem como relações sociais e comportamentos socioculturais bastante definidos.

Seguindo parâmetros observados por Gimpel (2008), verifica-se que as distribuições espaciais das forças eleitorais não são independentes ou mesmo aleatória. Destaca-se, portanto, que as semelhanças de votação observadas sugerem por razões mesmo sutis, a influência de uma base histórica ou cultural comum, em vez de apenas fatores econômicos e proximidade geográfica (SPIERDIJK; VELLEKOOP, 2006).

Complementando as reflexões expostas, Castellar (2011) discute sobre as diferenças entre as regiões e, devido suas próprias características, tendem a possuir uma composição diferente do eleitorado em relação aos tipos de leitores (ideológicos ou voláteis). Entretanto, o autor afirma que cada região, dita mais conservadora ou progressista, economicamente mais rica ou pobre, escolhe seus representantes de forma não homogênea, considerando um conjunto de fatores que influenciam comportamentos diferenciados de acordo com a situação em que se encontra a política local.

Os resultados obtidos se assemelham aos identificados por Hersh e Nall (2015), demonstrando que a geografia do voto é inseparável do contexto cultural e territorial. Esse paradigma origina questionamentos diferentes sobre os fatores de ordem local, afetando padrões de votação comuns estabelecidos entre cidadãos ricos/pobres e centro/periferia ou mesmo urbano/rural.

Seguindo essas premissas, consideramos que as políticas públicas podem alterar significativamente os padrões de votação. Verifica-se que o nível regional mesmo sendo influenciado pelos embates nacionais, apresentam singularidade dos múltiplos territórios e determinam a dinâmica eleitoral vigente. Nesse contexto, destacam-se as condições socioeconômicas, infraestrutura, influência de lideranças locais, identidade cultural, estrutura eleitoral, histórico político, fatores religiosos e a estrutura econômica são elementos cruciais que contribuem para definir como cada município vota. Em resumo, diferentes fatores desempenham um papel fundamental na política e podem ter um impacto significativo nos padrões de votação, influenciando as percepções dos eleitores sobre os partidos e candidatos, suas preferências ideológicas e suas experiências pessoais.

No Maranhão, foi possível identificar que para além desses fatores, questões históricas de ocupação dos territórios desempenharam um papel importante na formação dos padrões de votação regional e local. Entre eles destacamos de forma específica a memória histórica; identidade étnica; divisões regionais e narrativas políticas.

A memória histórica, incluindo eventos políticos passados, regimes anteriores, lutas por direitos civis e movimentos sociais, moldam as atitudes e percepções dos eleitores em relação aos partidos políticos e candidatos. A identidade étnica influencia as preferências políticas. Grupos étnicos específicos compartilham histórias, experiências comuns e interesses coletivos que adaptam suas preferências políticas e padrões de votação. Já em relação aos valores tradicionais e religiosos, estes desempenham um papel significativo na política por definir opiniões dos eleitores sobre questões sociais, como aborto, casamento entre pessoas do mesmo sexo e educação sexual, e moldam suas preferências políticas.

No que tange as divisões regionais, foi possível verificar diferenças entre regiões com diferentes bases econômicas, como regiões agrícolas versus regiões mais urbanas ou com economias diversificadas apresentaram apoio diferente. Em paralelo, outro eixo importante são as narrativas políticas transmitidas ao longo do tempo através da mídia, educação e cultura popular, modularam as percepções dos eleitores sobre questões políticas e candidatos. Essas narrativas muitas vezes baseadas em “Fake News”, refletiram valores culturais e ideológicos.

Em resumo, questões históricas e culturais desempenham um papel fundamental na formação das preferências políticas e nos padrões de votação de uma sociedade, influenciando as percepções dos eleitores, identidades grupais e valores políticos. Diferenças regionais no Maranhão, emergem com o avanço da

polarização entre localidades influenciadas por setores conservadores ou mesmo com tendências mais progressistas, o fato segundo Gelman et al. (2008) que independente dos processos de micronível subjacentes, às diferenças estão intimamente ligados a questões culturais e se relacionam com o contexto socioeconômico.

Por fim, considera-se que mesmo com os dados demonstrando fatores probabilísticos e não determinísticos, a dinâmica eleitoral evidenciada contribui, em particular, para dar visibilidade aos marcos espaciais e questões sociais, econômicas e culturais carentes de políticas públicas e que de fato representem os anseios da sociedade.

5. Considerações finais

O presente artigo analisou a dinâmica espaço-temporal das eleições presidenciais do Brasil, no período de 2018 e 2022, bem como buscou compreender como as tendências e padrões territoriais das eleições em nível nacional influenciam e se reproduzem em escala regional e local no estado do Maranhão.

A abordagem utilizada permitiu a conclusão de que para além de fatores econômicos, devesse considerar assuntos muitas vezes deixado a margem, como religião, direitos sexuais, atitudes ambientais e questões raciais, além de padrões históricos de migração e processos de ocupação. Essa perspectiva, destaca as características territoriais como questões importantes, mas não como elementos determinantes para alterações ou mesmo consolidação do eleitorado.

Especificamente no Maranhão, assim como nos demais estados do Nordeste brasileiro verifica-se um forte reduto eleitoral petista, com destaque para a região norte e nordeste do estado, contudo, observa-se o avanço do eleitorado ligado as pautas bolsonaristas na faixa centro-sul e sudoeste, com o apoio de setores conservadores conectadas a empresários e lideranças religiosas e do agronegócio. Mesmo observando uma certa consolidação desse cenário, destaca-se o equívoco de se afirmar a existência de um processo de “Pacto territorial”. Como contrapondo a essa visão, devesse considerar a significativa evolução da consciência eleitoral no Brasil obtida nos últimos anos, mesmo com a onda conservadora da extrema direita buscando manter sua hegemonia e dominação política.

Por outro lado, considera-se que o avanço da polarização não deve ser medida exclusivamente por renda, classe e raça, nas quais grande parte dos analistas tendem a concluir. Para tanto, faz-se necessário examinar partidos situados nas extremidades opostas do espectro político, bem como o contexto histórico e cultural. De modo geral, os resultados da pesquisa demonstram que a dinâmica eleitoral pode servir como um proxy para se compreender fatores e dinâmicas sociodemográficos, culturais e históricos em diferentes escalas.

Enfim, pode-se concluir que estudos com a finalidade de analisar a dinâmica espacial dos votos, devem incorporar novas formas de se mensurar diferentes indicadores sociais, econômicos e culturais que influenciam a produção e reprodução dos territórios.

Referências

- ALMEIDA, L. et al. A geografia do voto e o engajamento metropolitan dos deputados estaduais do Rio Grande do Norte. **e-metropolis**. nº 46. 12. p. 1-14, 2021.
- AGNEW, J. Mapping politics: how context counts in electoral geography. **Political Geography**, v. 15, n. 2, p. 129–146, 1996.
- ANSELIN, L. **Local Indicators of Spatial Association – LISA**. **Geographical Analysis**, Vol. 27, No. 2. 1995.
- ANSELIN, L., J. et al. **Spatial analyses of crime**. In **Measurement and analysis of crime and justice**. ed. D. Duffee, Washington, DC: National Institute of Justice. 213–62. 2000.
- AMES, B. **Os entraves da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- BORGES, A. Eleições legislativas e geografia do voto em contexto de preponderância do Executivo. **Rev. Sociol. Polit.** v. 24, n. 58. p. 31-58, 2016.

- CALEJO, C. **Esfarrapados: como o elitismo histórico-cultural moldou as desigualdades sociais no Brasil**. 1 ed. Rio Janeiro. 308pg, 2023.
- CÂMARA, G. et al. Análise espacial e geoprocessamento. In: DRUCK, S.; CARVALHO, M. S.; CÂMARA, G.; MONTEIRO, A. V. M. (eds). **Análise Espacial de Dados Geográficos**. Brasília: EMBRAPA, 2004.
- CASTRO, I. E. de. **Geografia e Política: Território, escala de ação e instituições**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- CASTELAR, P. U. de C. A Geografia do Voto no Brasil nas Eleições Municipais de 2008: Uma Análise Com Efeito Threshold. **Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos**. IPEA. 2011. p. 1-16.
- CHARNEY, I.; MALKINSON. D. Between electoral and urban geography: Voting patterns and socio-spatial dynamics in Tel Aviv. **Applied Geography**, 58. p.1-6, 2015.
- EBEID, M.; RODDEN, J. **Economic Geography and Economic Voting: Evidence from the US States**. B.J.Pol.S. 36, Copyright Cambridge University Press. p. 527–547, 2006.
- FERREIRA, M. C. **Iniciação à análise geoespacial: teoria, técnicas e exemplos para o geoprocessamento**. Editora UNESP. São Paulo, 343p., 2014.
- FEITOSA, A. C.; TROVÃO, J. R. **Atlas Escolar do Maranhão: Espaço GeoHistórico e Cultural**. João Pessoa: Grafset, p. 207, 2006.
- HAGERTRAND, T. **Aspects of the spatial structure of social communication and diffusion of information**. Papers of the Regional Science Association. Chicago. Chicago University Press. 16. 1966. p. 27-42.
- HAESBAERT, R. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, M. et al. Território, territórios: ensaios sobre ordenamento territorial. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 43-70.
- HERSH, E. D.; NALL C. The Primacy of Race in the Geography of Income-Based Voting: New Evidence from Public Voting Records. Yale University. **American Journal of Political Science**, Vol. 00, No. 0, p.1–15, 2015.
- GELMAN, A. et al. **Red State, Blue State, Rich State, Poor State: Why Americans Vote the Way They Do**. Princeton, NJ: Princeton University Press. 2008.
- GIMPEL, J.G. et al. Distance-decay in the political geography of friends-and-neighbors voting. **Political Geography**, 27. p. 231-252, 2008.
- LONGLEY, P. A.; GOODCHILD, M. F.; MAGUIRE, D. J.; RHIND, D. W. **Geographic information systems and science**. Chichester: John Wiley and Sons. 517 p., 2005.
- MONBEIG, P. **Les Franjes Pionnières**. Geographie generale. Encyclopedie de la Pleiade, Paris, Gallimard. p. 1225-1229, 1966.
- MARTINS, J. S. **Frente Pioneira: Contribuição para uma caracterização sociológica**. In: Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo. 1975.
- O'LOUGHLIN, J. et al. The geography of the Nazi vote: context, confession, and class in the Reichstag election of 1930. **Annals of the Association of American Geographers**, 84, p. 351-380, 1994.
- SANTOS, Diego. Geografia do voto: breves apontamentos. **Anais**. I Seminário Internacional de Ciência Política Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Set. 2015.
Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sicp/wp-content/uploads/2015/09/DiegoSantos.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2022.
- SAQUET, M. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular. 200p, 2007.

SPIERDIJK, L.; VELLEKOOP M. **Geography, Culture, and Religion: Explaining the Bias in Eurovision Song Contest Voting**. Financial Engineering Laboratory and the Department of Applied Mathematics, University of Twente. p. 01-30, 2006.

SCHUMPETER, J. A. **Capitalismo, socialismo e democracia**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura. 488pg, 1961.

TERRON, S. et al. Há padrões espaciais de representatividade na câmara municipal do Rio de Janeiro? Análise dos territórios eleitorais dos eleitos em 2008. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 28–47, jun. 2012.

TROVÃO, J. R. **O processo de ocupação do Território Maranhense**. São Luís: IMESC, 36p. 2008.

ZOLNERKEVIC, A.; RAFFO, J. Geografia Eleitoral: Representação espacial da volatilidade do voto. **GEOUSP – espaço e tempo**, São Paulo, Nº33. pp. 221- 228, 2013.



BY



NC



SA

Este artigo é distribuído nos termos e condições do *Creative Commons Attributions/Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual* (CC BY-NC-SA).